

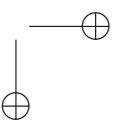
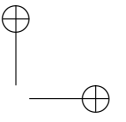
**HERÁCONTOS**  
**Fragmentos**



José Manuel Heleno

2019

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2019

FICHA TÉCNICA

DOI: 10.25768/fal.lus.2019.01

Título: *HERÁCONTOS. Fragmentos*

Autor: José Manuel Heleno

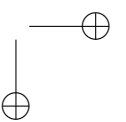
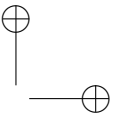
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

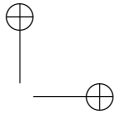
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena Santos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2019



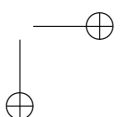
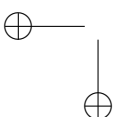


# HERÁCONTOS. Fragmentos

**José Manuel Heleno**

## Índice

Nota prévia	4
Fragmentos e comentário	7

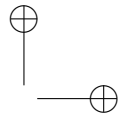


### Nota prévia

Há textos que, apesar de apócrifos, merecem ser publicados. Por um feliz acaso, reencontrei um velho amigo numa dessas viagens que sou obrigado a fazer com demasiada frequência. Não escondo que passei dias aprazíveis, animados pelo bom tempo e pelas conversas invulgares que travei com o meu amigo. Contudo, meses depois, ao regressar a essa cidade e ao pretender revê-lo, recebi a inesperada notícia do seu falecimento. Bastante abalada, a sua mulher pediu-me que lesse uns cadernos que encontrara e que, revelava, desconhecia a existência. Confessou-me que o tema era “estranho” e que não tinha conhecimentos para ajuizar do seu valor. Tratava-se, de facto, de manuscritos, escritos numa letra tão pequena e difícil que não deixava de lembrar os textos de Robert Walser. Insistiu que, na eventualidade de eu considerar os textos interessantes, talvez valesse a pena dá-los a conhecer ao grande público.

Ao interrogá-la porque tinha sido eu, precisamente, o destinatário de tal pedido, respondeu-me que o marido ficara bastante agradado com as conversas que tínhamos tido. Lidos os manuscritos, e com o beneplácito da sua companheira, esforcei-me para que fossem publicados. Havia, no entanto, uma condição prévia: a de que apenas o meu nome pudesse constar e, se tal não me importunasse, não devia fazer qualquer menção que indicasse ou sugerisse o autor do manuscrito. É no respeito por este pedido que peço aos leitores compreensão pelo anonimato, embora sempre tivesse defendido que o essencial é o próprio texto e não o nome do seu autor.

Há, no entanto, outros aspetos que não posso deixar de sublinhar. Primeiro, o de jamais ter ouvido falar em Herácontos e de ter, até, alguma desconfiança em relação às fontes a que o meu amigo recorre. Em segundo lugar, é enigmática a questão de saber o que levará os homens a expressar-se por apotegmas, aforismos ou fragmentos, tal como o texto que o leitor tem entre mãos. O que é manifesto é que se trata de uma investigação que ocupou uma parte

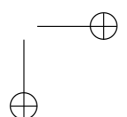
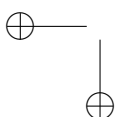


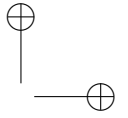
significativa da vida do meu amigo, sem que ele próprio esconda a incerteza que a caracteriza. Como se verá, se se inicia com a convicção de que certos fragmentos pertenciam a um filósofo pouco conhecido, que os próprios coevos esconderam ou eliminaram – como se, ao silenciarem o seu nome, entrassem qualquer investigação –, rapidamente alastraram incertezas pela forma como as fontes se sobrepujam ou desmentiam, como se ocultavam e acabavam até por originar pistas falsas que se estendem, na verdade, até aos nossos dias. Se o autor desta nota está longe de querer contribuir para esta história maldita, também não esconde que vê como um desafio a possibilidade de dar a conhecer Herácontos.

Acresce que ao desdobrar-se em comentários, o manuscrito é parco em informações rigorosas, recolhendo reflexões para uso pessoal, sem indicar, com o profissionalismo que se desejaria, as edições ou os documentos que consulta. O que podemos assegurar é que a biblioteca pessoal do autor é insuficiente para fundamentar as investigações e conclusões que nos dá a conhecer. Se, apesar de tudo, associo o meu nome a esta publicação é porque tenho a sincera convicção de que os fragmentos e comentários que se seguem não deixam de o merecer, até na eventualidade de Herácontos ser um autor apócrifo.

Se não podemos ficar indiferentes aos comentários aos fragmentos, em particular à proliferação de citações, pensamentos, sem uma preocupação pelas épocas, idiosincrasias de cada pensador e muito mais, a verdade é que essa tarefa hermenêutica nos desafia enquanto leitores. Que pretendeu o meu amigo? Terá sentido dizer que fez uma leitura fiel dos fragmentos de Herácontos? E porque teima em silenciar as fontes e documentos que possibilitaram o seu estudo? Incapaz de responder a estas questões, entrego ao leitor os manuscritos que tive oportunidade de ler.

Não posso, no entanto, deixar de assinalar que de acordo com as páginas célebres que Diógenes de Laércio nos legou, Herácontos é, provavelmente, pai de Heraclito, o “obscuro”. De facto, em

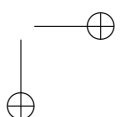
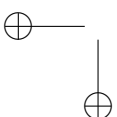




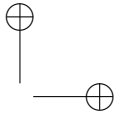
*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Diógenes de Laércio inicia as suas referências a Heraclito de Éfeso dizendo que há pessoas que defendem que o filósofo é filho de Herácontos e não de Blóson. Suspeita-se que tanto Heraclito como toda a tradição filosófica que se seguiu “escondeu” os fragmentos de Herácontos, de tal forma que o “apagou”.

Com efeito, não há nem nunca houve uma história da filosofia que mencione Herácontos. O seu nome foi pura e simplesmente obliterado. Até as notas e os comentários que se seguem a respeito de Héracontos enquanto homem e personagem histórica são praticamente inexistentes. Se *Acerca da natureza*, o livro de Heraclito, se perdeu, a convicção dos estudiosos é que existiu realmente e foi depositado no templo de Ártemis em honra da deusa. Restam fragmentos, sentenças breves descontextualizadas, forçados como estamos a imaginar Heraclito por detrás da série de anedotas que se propagaram a seu respeito. Ora, o mesmo se pode dizer acerca do seu suposto pai, também ele obscuro e melancólico, sem se saber se escreveu fragmentos ou um livro dos quais restaram as sentenças breves que temos ao nosso dispor.

Uma última nota. Não é de todo inverosímil que Herácontos não tenha existido e que o meu amigo, apaixonado pela filosofia grega e pelas sentenças breves e aforísticas que Heraclito e outros pensadores exemplificam, tivesse urdido a intriga que se segue. Até a liberdade com que redige os seus comentários lança a suspeita de se tratar, na verdade, de um diálogo com ele próprio. Ora, mesmo que tal acontecesse não deixaríamos de ter o testemunho de um pensamento, quer dizer, de um diálogo da alma com ela própria (como Platão, justamente, definia o pensamento).







## **Fragmentos e comentário**

*1. Só pode haver filosofia da intimidade. Se o filósofia não o assume deixa de ter qualquer sentido. A coragem dos filósofos está inteira na coragem em compreender o que é íntimo.*

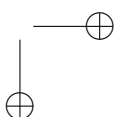
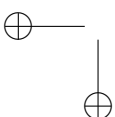
### **Comentário<sup>1</sup>**

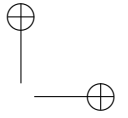
Sabe-se que a literatura gnômica é o primeiro tipo de literatura que se conhece. Praticada na Grécia antiga, é uma literatura de apogemas, sentenças, fragmentos, atenta a questões éticas. Trata-se, portanto, de relatos breves ou sentenças, como aquelas que nos foram legadas pelos sete sábios.

De acordo com Herácontos, tudo indica que a intimidade é uma forma peculiar de pensar e sentir. Aliás, o próprio sentir “é um pensar extravagante” (Fernando Pessoa). Mesmo que seja estranho um filósofo antigo falar em “intimidade”, parece-nos que Herácontos pretende mencionar essa proximidade de si a si mesmo que se pode encontrar em inúmeros textos, antigos, modernos e contemporâneos. Podemos, no entanto, arriscar e dizer que Herácontos censura os que se consideram filósofos por se afastarem deles próprios e serem “filósofos” justamente por isso. Ora, o verdadeiro filósofo só pode ser aquele que assume o que vai sentindo no seu íntimo, por mais estranho ou vil que lhe pareça. Associa, portanto,

---

<sup>1</sup>Seguem-se os comentários do autor do manuscrito. Optámos por não fazer uma leitura crítica dos mesmos, transcrevendo o manuscrito de forma fidedigna. Seria presunção fazer comentários sobre comentários, para além de interferirmos nos pensamentos do autor. Em relação à forma vaga com que são feitas citações e referências, remetemos o leitor para o que escrevemos na “Nota prévia”. Como já referimos, a sobreposição de reflexões, a forma como se traduz ou transcreve fragmentos numa linguagem que parece inadequada e a atitude leviana como se inferem conclusões, aconselhava uma atitude crítica da nossa parte. Contudo, fazê-lo estaria para além dos limites que nos impusemos ao dar a conhecer o texto que se transcreve.



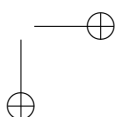
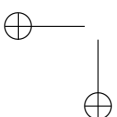


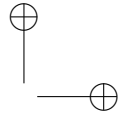
a filosofia à coragem, embora a grande maioria das “filosofias” sejam meras defesas, gestos de cobardia transformados em extravagâncias.

Compreende-se então que a filosofia obrigue a verdade a revelar-se como “prática”, ou seja, não basta defender esta ou aquela teoria, deve agir-se de forma a pôr à prova o que se pensa. Melhor: não há outra forma de pensar que não seja esse agir consubstancial ao pensar. A facilidade do dizer deve ser substituída pela coragem do agir, o que pressupõe o teste efetivo das teorias. De facto, não pode haver história da filosofia digna desse nome que não mostre a forma como o agir decide da veracidade de uma teoria. A vida de um filósofo, o que fez e como o fez, é uma prova decisiva das suas concepções.

Aristóteles, por exemplo, defendia que a filosofia era “a mãe das demonstrações” e afadigava-se a defender que, quer se faça ou não filosofia, deve-se, em qualquer caso, demonstrar ou o dever de a praticar ou o dever de mostrar que ela não é necessária. Contudo, em ambas as situações é a demonstração do seu valor ou do seu não valor que faz da filosofia a filosofia. Ora, o que faltou ao Filósofo foi acrescentar que a prova decisiva de uma demonstração filosófica é a própria vida; aquilo que o filósofo faz efetivamente, a sua intimidade e a forma como a sente, esconde, transmite e muito mais. A demonstração sem a coragem de compreender o que é íntimo é um conceito vazio – como disse acertadamente Heráclito.

Plutarco, em *Vidas Paralelas*, ao falar de Alexandre, o Grande, começa por referir o seu intuito: mais do que história é a vida que o preocupa – e é disso que ele quer falar. Ora, essa vida compreende-se melhor a partir das pequenas coisas do que partindo dos feitos mais memoráveis. Uma palavra, uma brincadeira, mostram mais “o natural das pessoas” do que os grandes feitos. Sem podermos atestar até que ponto Heráclito influenciou Plutarco, o certo é que não nos parece descabido mostrar que a vida que Plutarco pre-



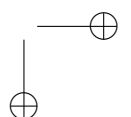
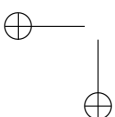


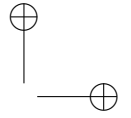
tende retratar é, afinal, essa intimidade da qual a filosofia deve ter a coragem de compreender.

*2. Quando nos acontece qualquer coisa tida como importante, também nos é dada a possibilidade de compreender como tudo é ridículo. A verdade é que acabamos por esquecer a grande maioria dos acontecimentos. A vida não permite outra coisa. São os acontecimentos (e apenas eles) que moldam a vida dos indivíduos. Contudo, são eles (e apenas eles) que têm em si a semente do ridículo e do absurdo. (Escrito no dia em que Argos morreu).*

Argos não era apenas o nome do cão de Ulisses, tudo indica que também era o de Herácontos. Mesmo que não se saiba o que lhe sucedeu, o certo é que se tratou de algo tido como relevante. É então provável que Herácontos defenda que devemos ter a coragem de assumir o ridículo e absurdo de tudo o que nos vai acontecendo. Sabemos, aliás, como esta desvalorização dos acontecimentos e a ideia concomitante de absurdo se enraizará em inúmeros filósofos. Vale a pena, a este propósito, relacionar uma vez mais o fragmento de Herácontos com aquilo que, muitos séculos depois, escreverá Fernando Pessoa: “Despreza tudo, mas do modo que o desprezar te não incomode. Não te julgues superior ao desprezares. A arte do desprezo nobre está nisso”. E ainda: “que a consciência da própria inimportância é o acume do conhecimento da vida”.

É de facto extraordinária a dimensão aforística da prosa pessoana. Por exemplo: “Ninguém entende ninguém. Tudo é interstício e acaso, mas está tudo certo”. Ou então, e desta vez pela mão de Bernardo Soares, algo que se pode aproximar do que se conhece dos fragmentos de Herácontos: “Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida e os sentidos possíveis são muitos”.



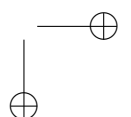
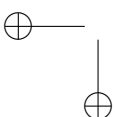


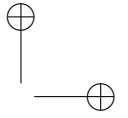
Se a percepção do “ridículo” a partir do “acontecimento” é uma preocupação de Herácontos, aceitamos que teime em ver a vida como um todo, como se se tratasse de uma ideia que deveria acompanhar e guiar tudo o que nos vai acontecendo. É neste sentido que a ética se funde com a metafísica, quer dizer, aquilo que se deve fazer está em consonância com o que se pensa realmente do mundo e do lugar que nele ocupamos. Parece-nos evidente o ceticismo e o cinismo de Herácontos.

Contudo, fica por compreender como é que esta desvalorização do acontecimento se coaduna com a importância da vida e do teste prático que se exigia ao filósofo aquando da coragem em assumir a sua intimidade (cf. Frag. 1). Se devemos, por um lado, encarar os acontecimentos – a própria vida – como uma lição que elogia a ligeireza ao reapreciar o que nos vai sucedendo, devemos, por outro, assumir a importância do íntimo e a coragem concomitante em compreendê-lo. Herácontos nem sempre é claro nas suas posições.

Mas se procuramos apenas encontrar contradições nos fragmentos que conhecemos, acabaremos por perder a força das suas reflexões. Escuso-me a citar um filósofo que, muitos anos depois de Herácontos, falava do trabalho do negativo e da importância em compreender o movimento de tudo o que há, como se fosse essa dinâmica que, vista em totalidade, nos ajuda a compreender o mundo e a nós próprios. O negativo permitiria então ultrapassar o que há de estancado e de abstrato no entendimento. Ao separar, o entendimento fica cego para a abundância de tudo o que há, e só reconhecendo o que se afirma e nega, e o que se movimenta incessantemente entre uma coisa e outra, podemos aspirar a compreender. Nós, pobres mortais, queremos “mais luz” – como confessava Goethe na hora da sua morte.

*3. Será que só um egoísta é capaz de não se vergar à vontade de outro egoísta?*

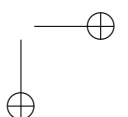


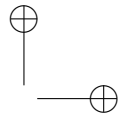


Sabe-se como Schopenhauer foi exímio na arte do aforismo. Há, aliás, quem enalteça essa faceta do filósofo alemão para o diferenciar do cansativo sistema expositivo de outros filósofos (muitos deles alemães). O aforismo deve brilhar; deve, por assim dizer, mostrar o que tem a dizer num ápice, sem perder tempo com tergiversações. Como disse o próprio Schopenhauer a respeito da sua obra, deve apanhar-se “com um só olhar”, como também sabia Nietzsche, que começou por ser um fervoroso discípulo do autor de *O mundo como vontade e representação*.

Ora, a propósito da eudemonologia – palavra que significa a forma como se pode viver de forma agradável e feliz –, Schopenhauer escreveu “Aforismos para a sabedoria da vida”, um dos capítulos dos seus *Parega e Paralipomena*. Contudo, e apesar da eudemonologia ser coisa impossível para o próprio Schopenhauer, o filósofo lembra-nos que não são propriamente os acontecimentos que fazem uma vida feliz, mas sim a forma como são vividos. Deveríamos, por exemplo, invejar não tanto aquilo que acontece a uma pessoa mas antes a forma como esta o vive (mas isso, como se sabe, é difícil de conhecer). Assim, o mais importante é o que acontece dentro do próprio indivíduo, pois “cada um está preso à própria consciência como à própria pele, e vive imediatamente apenas nela”. Não o saber é continuar tolo – coisa que abunda no mundo e de que somos, seguramente, parte obrigatória. Se alguém inveja a minha felicidade devia invejar a *minha* felicidade e não aquilo que me acontece e que supostamente a proporciona. Só isso é visível e não a forma como o sinto ou vivo. Mas a estupidez humana passa rapidamente do ter ao ser, do parecer ao sentir, e por aí adiante. A verdade é que ninguém pode “fugir da sua individualidade”.

Ainda nos *Aforismos para a Sabedoria da vida*, escreve Schopenhauer que “o que alguém *tem em si mesmo* é o que há de mais essencial para a felicidade de vida”. É ainda este “si mesmo” que faz de nós mais ou menos sociáveis. O néscio, ao procurar fugir



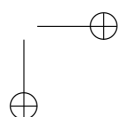
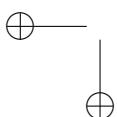


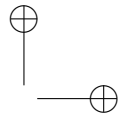
de si, perde-se no meio dos outros e afugenta a solidão. Aquele que tem em si mesmo riqueza interior não teme a solidão; e se for imenso e diversificado esse si mesmo, procura até a solidão, pois abomina a vulgaridade e entretém-se consigo próprio. Se oscilamos entre a dor e o tédio; se a primeira se prende com a necessidade e o segundo com o excesso, compete àquele que se basta a si mesmo cativar a solidão, pois só assim saberá evitar a dor e o tédio.

Mas foi Goethe, em *Máximas e reflexões*, que disse acertadamente o que se segue: “quanto menos egoísta é o homem...mais submetido fica aos egoístas.” Há, aliás, qualquer coisa de estranho em relação a essa palavra (egoísmo). Se ela se troca com demasiada frequência acaba por se tornar gasta como uma moeda que passa de mão em mão. É por ninguém saber o que é o egoísmo que teimamos em falar disso. Aliás, se a ambiguidade do conceito já existia em Heráclito, a verdade é que ainda hoje não nos conseguimos livrar dos seus equívocos.

Não se trata de defender que o altruísta é um egoísta disfarçado ou de que é impossível agir sem pensar em si próprio e na satisfação concomitante. Trata-se, isso sim, de reconhecimento; da forma como duas vontades se defrontam ou aceitam; como se o simples e o humilde merecessem o louvor do egoísta, pois é o último que impõe a sua vontade e “admira” aquele que dela se priva. Como reconhecer o outro? O que fazer para que o outro me reconheça? Esta ideia tem atravessado a história dos indivíduos e dos povos, e tanto tem a ver com a definição de política em termos de amizade e inimizade como com a forma como duas pessoas podem conviver. Assim, ainda antes de nos aventurarmos na edificação de sistemas éticos pomposos é essencial compreender essa forma simples e imediata de nos relacionarmos com o outro, pois, sem isso não pode existir uma reflexão séria sobre a ética.

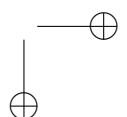
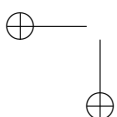
*4. Os animais podem dar-nos lições sobre a morte.  
Mostram-nos que o símbolo, esse nada que é tudo, determina a forma como a vemos e vivemos.*





Herácontos não é nada explícito acerca da noção de símbolo. Na nossa investigação encontrámos outro fragmento, em tudo semelhante ao que acabámos de transcrever. Afirma que “*os animais podem ensinar-nos muito sobre a morte, embora lhes escape o símbolo. E o símbolo é esse nada que é tudo*”. Para além de nada nos dizer sobre o significado de símbolo, Herácontos não parece ser muito original nestes fragmentos. Contudo, parece-nos que a ênfase dada à noção de símbolo pretende mostrar que a história da humanidade se consubstancia na descoberta e no aperfeiçoamento de um mundo tido como simbólico. Se os animais continuam os mesmos que sempre foram, os homens, sendo os mesmos que os seus antepassados, também se modificaram consideravelmente devido ao mundo simbólico que foram criando. De facto, não é apenas isso que os une mas também os que afasta e hostiliza.

O poder do símbolo é de tal forma que até a noção de morte, o mais natural dos acontecimentos, é vivida de forma simbólica. Se somos seres “para-a-morte” também somos seres “contra-a-morte”, sendo certo que a forma como vivemos não pode ser dissociada da força simbólica conferida à morte. O mistério é, por conseguinte, o de se saber como a força do símbolo foi recrudescendo a ponto de alterar por completo a nossa forma de viver. Não se trata, como é óbvio, deste ou daquele indivíduo, mas de todos. Se o mundo simbólico por excelência é o mundo religioso, pensamos que não é bem isso que preocupa Herácontos. Quanto a nós, a religião é um produto do símbolo – e é esse apetite pelo símbolo que somos obrigados a compreender se quisermos refletir sobre o que faz de nós humanos. Provavelmente, essa é a maior verdade do homem: ser um animal simbólico. E se isso é tudo também é nada, pois os símbolos poderiam ser diferentes do que são, ou seja, vão-se alterando ao longo do tempo – fazendo e refazendo, nascendo e renascendo, tanto quanto extinguindo-se de vez a ponto de lhes perdermos o rasto. É esse nada que tanto nos atemoriza como nos surpreende.

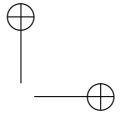


5. *Por que é que nos acobardamos quando amamos alguém? Por que é que o amor faz de nós cobardes? Ouvimos, calamos, desesperamos só para não termos que perder aquele que amamos ou pensamos amar.*

6. *Por que é que nos acobardamos quando odiamos alguém? Dizer que a consciência faz de todos nós cobardes é uma expressão inofensiva (há expressões célebres que não têm sentido nenhum, embora se tornem célebres por dar a entender o contrário). Mas como pode amedrontar-nos a pessoa que odiamos?*

Parece-nos interessante reunir estes dois fragmentos. O que os une é a cobardia, ou seja, o facto de Herácontos confessar, num tom que se afigura intimista, a falta de firmeza quando se ama ou se odeia. Nem sabemos ao certo se o que está em causa é a identidade pessoal de Herácontos ou a sua ausência. Com efeito, pode-se pretender proteger o próprio indivíduo e optar por não desafiar quem se ama ou quem se odeia. Mas pode também dizer-se que é justamente por não sabermos quem somos, por não termos firmeza no si mesmo que deveríamos ser, que acabamos por ceder cada vez que nos defrontamos com quem amamos ou odiamos. Nada disto é certo. Os argumentos vacilam cada vez que se fala em afetos. O próprio Herácontos está longe de ser explícito, como se escrevesse para si próprio e desabafasse a propósito de algo que lhe escapa de forma irreversível. Jamais saberemos a quem se dirigia Herácontos com o seu amor e o seu ódio. E querer comentar-se aquilo que jamais se poderá comentar mostra bem a aflição daqueles que procuram desesperadamente encontrar um sentido. No entanto, a verdade é que aquilo que leva alguém a escrever um pensamento, sob a forma aforística ou não, pode prender-se a acontecimentos dos quais não há, nem pode haver, qualquer vestígio. A estupidez humana, na sua ânsia em compreender, acaba por fragilizar a grandeza da interpretação quando se torna incapaz de separar o que é do que não é possível explicar.

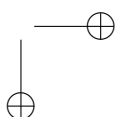
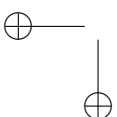


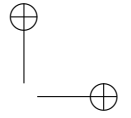
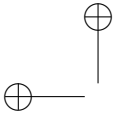


Seria, no entanto, um equívoco pensar que os fragmentos transcritos dissessem respeito exclusivamente ao próprio Herácontos. A nossa convicção é a que a sua veia aforística pretendia ser uma sùmula das suas experiências. Mas essas experiências teriam necessariamente um cunho universalista, como se aquilo que fosse vivo e real para um sujeito o pudesse ser para todos os sujeitos. Como Goethe, em *Máximas e reflexões*, deve atender-se que "qualquer existente é uma *analogon* de todos os existentes". Herácontos, muitos anos antes, poderia dizer o mesmo, não apenas de tudo o que há como também dele próprio. Como poderia, aliás, muitos séculos antes do poeta alemão, escrever o que este sustenta nas suas *Máximas*: "Quando duas pessoas estão inteiramente satisfeitas uma com a outra, podemos ter quase sempre a certeza de que estão ambas enganadas", ou então, "nunca somos enganados. Enganamo-nos a nós próprios."

Se é complexa a nossa relação com os outros, parece consensual a importância dos afetos, sendo os aspetos quantitativos que merecem a atenção de Herácontos. Como se odiar, amar, temer, só tivessem sentido devido à carga que possuem e à forma como são expelidos, reprimidos ou descarregados, por exemplo. Deste modo, mais do que a qualidade do que se sente, é a quantidade de energia que acomete o indivíduo que faz dele um covarde ou um herói. Se a nossa interpretação é correta, Herácontos parece então defender a hipótese de que o medo, o amor ou o ódio, por exemplo, devem começar por definir-se como uma espécie de potência que circula no interior do sujeito. É essa mesma força que ora deve ser expelida ou reprimida, ora é sentida sobre a forma de prazer ou de repulsão. Estaremos certos?

Hipócrates, pai da medicina, bem aconselhava nos seus aforismos que era prejudicial a robustez extrema, como é apanágio dos que praticam exercícios violentos. E acrescentava, a este respeito, que era conveniente uma diminuição gradual dos exercícios para que o corpo pudesse iniciar uma "nova nutrição". Mas tal não sig-



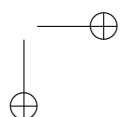
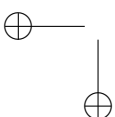


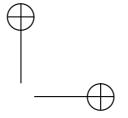
nificava que fosse necessário evacuar em excesso, pois, como é sabido, a “atenuação deve estar em proporção à natureza e força do enfermo, pois a repleção excessiva é tão prejudicial como a evacuação extrema”.

*7. O prazer de escrever não é só o prazer de escrever.  
Torna sensível a presença a si, o recuperar de qual-  
quer coisa que se pensava ter perdido. Acima de tudo  
a ideia de que se regressou a si mesmo.*

Convém não esquecer, uma vez mais, Goethe, que dizia que a “literatura é o fragmento dos fragmentos. Do que aconteceu e do que foi dito só uma ínfima parte se escreveu e do que foi escrito só uma ínfima parte ficou.” De facto, o prazer de escrever não pode significar que se diz tudo acerca de si próprio. Se assinala um regresso e uma presença, a escrita não pode deixar de ser frágil, certamente intensa enquanto se exercita, embora débil e de delicada duração. Mas a verdade é que a literatura é o fragmento dos fragmentos – uma ínfima parte do que se é e foi, do que se viveu, vive e viverá. Daí que a literatura seja uma mentira bem urdida que, mesmo permitindo regressar a nós próprios, prometa mais do que nos dá. Há, aliás, um outro fragmento sobre a escrita que diz: “*Escrever sem olhar para trás. Não é a primeira vez nem será a última. Mas o que é que significa? Pode haver medo se olharmos para trás? E o que nos fará escrever como quem corre?*”

Na nossa perspetiva, Herácontos jamais desenvolve o que entende por prazer de escrever, principalmente porque terá a escrita de ser um prazer. Diz-nos que se trata de uma forma de se regressar a si próprio (como se estivéssemos irremediavelmente afastados de nós próprios na hipótese de não escrevermos) e de recuperar qualquer coisa “que se pensava ter perdido”. Estranhas palavras. Na verdade, o que é que perdemos e pretendemos recuperar? E porque há de a escrita ter esta missão, profilática, espiritual, honrosa, de nos aproximar de nós mesmos? Quem se julga Herácontos para



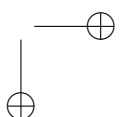
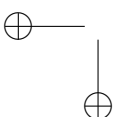


o garantir? O certo é que o nosso filósofo fortaleceu esta imagem de uma escrita salvífica, e com ela a imagem de a literatura ser uma espécie de panaceia. Exageramos? Que o leitor decida por ele próprio.

Ao insistir na “presença a si”, Herácontos assinala outra faceta do seu pensamento. Por várias vezes é essa presença; esse regresso que é fundamental. Mas o “tornar sensível a presença a si” parece uma defesa incondicional do indivíduo ou até uma apologia da solidão (como se alude noutros fragmentos). O homem feliz é então o homem que “regressa a si”, que é sensível a si próprio, como indica o prazer de escrever. Mas a verdade é que não é apenas a escrita que o revela. Herácontos também poderia ter referido a arte e até o próprio prazer de pensar. Noutro fragmento escreveu: *“Ler poesia como se fosse um retrato da vida. Não importa se é um retrato mais ou menos fiel. O importante é ter a sensação que a poesia nos dá a ver a vida. A filosofia, em contrapartida, ou parece estar à porta da vida ou fecha-a Como se a visse de fora ou não a visse de todo. Mesmo que queira pensar a vida, o problema é precisamente esse: ao querer pensá-la acaba por criar uma sensação de distância.”*

*8. O que é interessante em H. é que pode, e provavelmente deve, ser lido como um poeta. O livro que escreveu sobre lógica deve irritar profundamente os lógicos, tal a forma como abordou o tema. Mas se não tivermos a obsessão de o ler e criticar como filósofo, surge um prazer inesperado. Passa-se o contrário com E.. Não deve ser lido apenas como poeta, mas como filósofo. O que escreveu sobre o tempo é profundamente filosófico, embora pareça poesia.*

De acordo com Goethe, o reino da poesia é a imagem, enquanto o reino da filosofia é a explicação hipotética. Assim, se a filosofia quer conhecer os segredos da razão através da palavra, a poesia encanta-se com os segredos da natureza servindo-se das imagens.

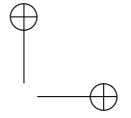


Não sabemos a quem se refere Herácontos, mas tudo indica tratar-se de filósofos e poetas do seu tempo, não sendo de excluir a hipótese de existirem polémicas que envolvessem um filósofo que pudesse ser lido como um poeta e um poeta que tanto pudesse ser lido como tal como na qualidade de filósofo. A ideia de Goethe que associa a poesia à imagem e a filosofia à “explicação hipotética” pode até não ser apropriada no que diz respeito à possível interpretação deste e de outros fragmentos de Herácontos. Mais importante parece ser a forma como temos por hábito ler um texto: se é assinado por um filósofo deve então ser lido como tal; se se trata de um poeta, é a poesia que deve prevalecer.

Tudo sugere, portanto, que Herácontos nos desafia a multiplicar as leituras, quer dizer, a experimentar a ler os filósofos como se se tratasse de poesia ou literatura e os poetas como se escrevessem livros de filosofia e desenvolvessem “explicações hipotéticas”, para nos servirmos da expressão de Goethe. Ao que parece a verdadeira leitura, quer dizer, a possibilidade de interpretar de outro modo, surge desta abertura a vários tipos de linguagem. Poderíamos até surpreender-nos se aplicássemos este método a todos os textos, e não apenas à poesia ou à filosofia.

*9. A dor mental é uma espécie de implosão. Parece que perfura qualquer coisa (o quê?) ou rompe os diques da alma (mas o que é isso?). Uma ideia interessante é saber o que é que sofre em nós, quer dizer, qual a parte que sofre e faz sofrer as outras? (como se a alma tivesse os seus hóspedes e um deles fizesse os outros reféns).*

Acredito que muitos gostariam de seguir o conselho do cânone budista, tal como se refere no Dhammapada: “Não existe medo para aquele que despertou, cuja mente não está embriagada (pela luxúria) nem aflita (pelo ódio), e que superou tanto o mérito como o demérito”. Mas por mais que nos esforcemos; por mais voluntaristas que sejamos, o tempo vai-se encarregando de sorrir das boas



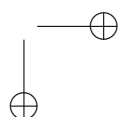
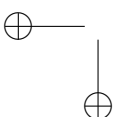
intenções de Herácontos. Sem dúvida que todos gostariam de viver sem medo e sem ódio; de compreender a dor a ponto de encará-la de outro modo, como se tivéssemos recursos, não tanto para evitá-la (o que seria absurdo) mas para que a olhássemos de forma distanciada. Se esta é uma tarefa difícil (como se andássemos a vida inteira a tentar fazê-lo e fosse essa, precisamente, a substância da vida), o certo é que Herácontos afirma que há algo em nós que faz sofrer outra parte ou outras partes de nós.

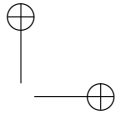
A profundidade do fragmento reside então na convicção de que o próprio eu pode desdobrar-se em partes, de modo que uma delas consiga sobrepor-se às outras e fazer delas reféns. Ora, qual é a parte de nós que mais sofre? E que poder possui a ponto de submeter as outras à sua dor? Se jamais sofrermos em totalidade tal pode significar que estamos divididos e sujeitos à maior das servidões: aquelas em que somos escravos de nós próprios, quer dizer, de algumas das nossas ideias ou sentimentos; de alguns dos nossos preconceitos ou convicções. Se começamos por ser escravos de nós próprios – se há em nós um ou vários senhores, tanto como um ou vários escravos, tal mostra esse movimento onde parecem conviver hóspedes e reféns.

É pena que Herácontos não refira essa dor que, por ser tão intensa, nenhuma palavra jamais descreverá. Há dores que mostram a gratuitidade de tudo. Se nos resta silenciar é porque compreendemos que é apenas isso que nos socorre, pois, qualquer palavra ou até pensamento parecem deslocados em relação à dor que se sente. Teria Herácontos a felicidade de jamais encontrar uma dor assim? Teria, ao menos, aprendido essa lição que o tempo concede que consiste sem ser capaz de recordar a dor sem a reviver?

Há, pelo menos, mais três fragmentos que abordam estas questões. Vejamos:

*“O que faz com que uma dor seja uma dor? O que nos dói dentro de nós? Fala-se da dor mental. Dir-se-á uma ideia, imagem, recordação. Mas como pode qualquer uma delas doer? O*





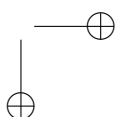
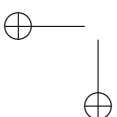
*que parece verdadeiro é a resistência, ou seja, a dor resiste a ser compreendida. Mas o que é que faz doer na dor?”*

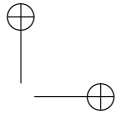
*“Dizemos que sofremos porque temos dores. Mas o interessante é recordar a dor sem que a tenhamos de reviver. Dizemos então que conseguimos diferenciar o afeto da representação. Que somos capazes de representar algo (recordar, por exemplo) desligado da carga afetiva que possuía.”*

Por fim, Herácontos também disse que se *“há representações que são afetivas (porque têm uma carga de afeto) há outras que se podem desligar do afeto inicial. O tempo oferece-nos essa possibilidade. Mas como podemos e devemos aprender a desligar?”*

*10. Há vários tipos de solidão. E a verdade é que há em cada indivíduo um núcleo que não é comunicável. Se nos esforçamos por comunicá-lo arriscamo-nos a fazer uma caricatura ou um esboço do que se trata, como se houvesse uma solidão irremovível. É assim. Há qualquer coisa que jamais poderá ser dita do nascer ao morrer, ou porque não se pode ou porque não se sabe.*

São confissões como estas que me apaixonam em Herácontos. Essa ideia de que há uma solidão irremovível em cada ser, não apenas o humano mas em qualquer ser, dos inanimados aos animados, longe de perturbar a ideia de entre-expressividade parece reforçá-la. De facto, se há, por um lado, a solidão essencial e irremediável de tudo o que existe, por outro não há existente que não expresse e não seja a expressão de outros existentes. A solidão mais feroz não perturba a longa cadeia dos entes e a relação que estabelecem entre si. Ver nestas afirmações um paradoxo é falhar o alvo. É certo que Herácontos diz apenas que há “um núcleo que não é comunicável”; e que se pretendermos comunicá-lo acabaremos por não conseguir. Mas penso que o filósofo não se oporia à ideia de que tal solidão não contradiz a entre-expressividade que é própria dos entes,



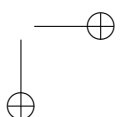
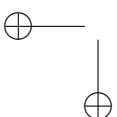


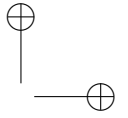
como se a verdade se revelasse como um todo ou tudo se inter-relacionasse. Dir-me-ão que não é isso que está no fragmento; que me atrevo a ler o que não está lá. Mas a tarefa hermenêutica não consiste apenas em ler o que está mas em atrever-se a ler o que, não sendo manifesto, nem por isso é inexistente e menos importante. Terei, a este propósito de aproximar a tarefa hermenêutica daquilo que o Filósofo (refiro-me a Aristóteles) disse quando quis esclarecer a noção de filosofia.

Com efeito, num diálogo que lhe é atribuído intitulado *Acerca da filosofia*, há um passo, onde se discute o sentido que se atribui à atividade filosófica, que gerou vários comentários. Um deles, de Filópono, diz o seguinte: “A filosofia é manifestamente uma obsessão pela sabedoria. Mas temos de investigar de onde é que obteve esta designação. A sabedoria é, com efeito, assim chamada porque é como que uma forma de clareza e, na verdade, uma forma de clareza que torna tudo transparente. O elemento que produz clareza é algo de luminoso e é semelhante à claridade do dia e à luz. É por esse motivo que a filosofia tem o seu nome pelo facto de trazer até à luz do dia o que está escondido.”

*11. É muito estranho. Acordarmos muito antes de o sol nascer e pormo-nos a escrever qualquer coisa. Em que momento é que as frases começaram a ser escritas? O que é que se passou para que surgissem? Agrada-me pensar (mesmo que possa não ser verdade) que apareceram de repente. É mais bonito acreditar que irromperam.*

Porque será mais bonito acreditar que irromperam? Herácontos quer persuadir-nos que o pensamento é uma espécie de paixão, capaz de aparecer subitamente, de se mostrar na sua imprevisibilidade. Parece que desconfia da maturação, do progresso lento e contínuo. Há, por isso, qualquer coisa de intempestivo que é elogiado, o que não deixa de ser estranho para um filósofo da sua época.



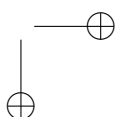
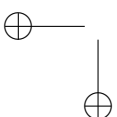


Vê-se que é um apaixonado pela escrita, mesmo que não se esforce por compreender qual o poder do sono, da noite, na criação de pensamentos, a ponto de acordar e pôr-se a escrever. A verdade é que esta ideia poderia servir de pretexto para nos dizer qualquer coisa sobre a noite. Ele próprio deveria tentar refletir sobre o poder do “noturno”, tudo o que antecede a escrita e faz com que possa irromper. Pensamentos que brotam e querem materializar-se em escrita é, sem dúvida, uma ideia agradável, embora estivéssemos mais interessados em saber porque é assim e não de outro modo. Porquê a escrita? E para ser lida por quem? E para quê? E porque há de a filosofia ser escrita e registada, eis o enigma.

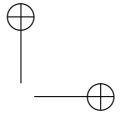
Regressemos a Aristóteles, em particular a Sexto Empírico, que o refere no *Adversus mathematicos* (IX, 20-23) ao afirmar que para o Filósofo a noção dos deuses se gerou nos humanos a partir de dois princípios: a partir daquilo que acontece à alma e a partir dos fenómenos celestes. Ora, partir do que acontece à alma significa que a “inspiração e a capacidade divinatória se geram nos sonhos”, pois é aí que a alma se encontra sozinha com ela própria e recupera a sua natureza. Deste modo, se os deuses têm a sua origem tanto no poder que a própria alma possui quando se encontra consigo própria como da contemplação do sol e do “movimento bem ordenado das restantes estrelas”, é porque os homens pensaram que havia algo divino que tinha causado “tal movimento e tão bela ordenação”. São estes dois momentos, diz Aristóteles interpretado por Sexto Empírico, que originaram a noção de divino.

Não nos custa admitir – e sem pretendermos levar longe de mais a analogia –, que também a vontade de escrever e de registar os pensamentos surge dessa “inspiração e capacidade divinatória que se gera nos sonhos” e desses movimentos bem ordenados, do sol e estrelas noturnas, que tanto deveriam ter impressionado Heráclito.

*12. Porque acordamos com maus pensamentos? Mas serão maus pensamentos ou é antes a forma como são*



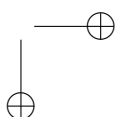
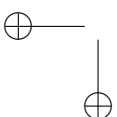


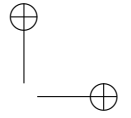
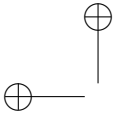


*usados? E saberemos diferenciá-los? Não há ninguém que não se sinta desprotegido ao sentir rancor, aversão ou desprezo. Fragiliza-nos e lastimamos que seja assim, mesmo que o não pareça.*

Será Herácontos um pensador ético? Quer dizer: a sua preocupação com o que vai sentindo e vivendo quotidianamente faz dele um pensador sensível às questões éticas. Percebemos pelo fragmento transcrito que Herácontos sente e pensa o que não gostaria de sentir nem pensar. Compreendemos que o preocupa o rancor, a aversão ou o desprezo, como se se julgasse estar acima dessas formas de sentir, tidas como desprezíveis ou inferiores, embora tenha de admitir que as vive a contragosto. Sofre, portanto, por sentir aquilo que não deveria. E de imediato parece ser forçado a admitir que ao sentir como sente é um homem pior do que gostaria de ser. Mesmo quando confessa que não são necessariamente maus pensamentos mas sim a forma como os usa que o perturba verdadeiramente, mesmo assim, nem essa humildade permite evitar o desconforto.

Se Herácontos é aqui um homem mais do que um filósofo; ou apenas um homem que não consegue ser um filósofo, temos apenas de louvar a sua coragem e lastimar que não tenha aperfeiçoado o que escreveu. Contudo, se sente o ódio nas suas diversas facetas; se é isso que o fragiliza, seria de todo o interesse falar-nos do que o provoca, que mais não fosse para tentarmos compreender a razão de ser dessas aversões ou desprezos. Não o fazendo somos obrigados a aceitar a sua confissão, embora fique um amargo de boca por nada mais se dizer. Além do mais, que significa realmente diferenciar maus pensamentos do uso desses maus pensamentos? O que significa usar os pensamentos num sentido mau? É não saber interpretá-los? É sermos vencidos por pensamentos que, mesmo indesejáveis, poderiam ser interpretados de outro modo? E qual a técnica que nos permitira usá-los de forma conveniente?



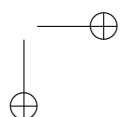
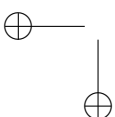


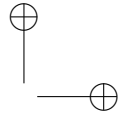
Mais do que um filósofo, não é improvável que se possa considerar Heráclito um moralista. Ou então, e retomando uma das sentenças de Chamfort, “a filosofia, como a medicina, tem muitas drogas e poucos remédios, e quase nada de específico”. É verdade que gostaríamos que a filosofia fosse mais específica, quer dizer, cuidasse efetivamente do que importa. E é neste contexto que o filósofo deve ser substituído pelo moralista, ou então, tornar-se ele próprio moralista.

*13. De que é que temos a certeza? De que a teoria pouco ajuda a compreender a vida. Anos a fio a acumular teorias e sempre esta convicção de que a própria vida se escapa. É assim que permanecemos na mais trágica das ignorâncias.*

Corre-se o risco de sobrevalorizar a interpretação cada vez que se tenta compreender fragmentos ou aforismos, apesar de haver quem diga que eles se destinam aos preguiçosos. Chamfort, por exemplo, pensa que sim. Eu tenho dúvidas. Se é certo que os preguiçosos se satisfazem com máximas e sentenças, tal não significa que pelo menos aquele que os escreve o faça com esse propósito.

É verdade que quando lemos um pensamento compacto, ou sob a forma de fragmento ou assumidamente sintético, temos tendência para ler o que julgamos ter sido devidamente amadurecido ou conscientemente percebido pelo pensador. A sobrevalorização prende-se com a ideia de que o essencial é o que nos é dado ler; que o pensador, Heráclito neste caso, disse exatamente o que quis dizer e fê-lo depois de ter refletido sobre o tema. Acredito que é inevitável a tendência do intérprete para proceder deste modo. Mesmo que saiba que há atualmente quem defenda uma interpretação infinita, Heráclito procede como se tal não fosse possível. O intérprete sabe que a uma interpretação se sucede outra, mas não deixa de acreditar que encontrou solo firme, um solo onde se esgotaram todas as interpretações e onde se encontra a solidez da verdade. A



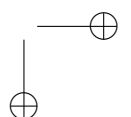
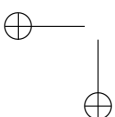


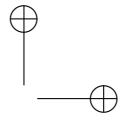
não ser que o intérprete, embalado por um ceticismo feroz, defenda que ao escavarmos, sobrepondo interpretações atrás de interpretações, acabe por reconhecer que tudo o que parecia sólido acabará por se desvanecer. Deixa de ter um sentido, uma certeza, aparecendo até uma suspeita sobre o que poderá ser a verdade.

Ora, se “a teoria pouco ajuda a compreender a vida”, o certo é que não sabemos se se trata de um desabafo, de um momento de desânimo transformado em aforismo ou de uma convicção latente que vem à superfície quando até então permanecia oculta. A verdade é que os filósofos apreciam este tipo de sínteses, como se quisessem, de imediato, dizer o fundamental e desejassem apanhar a vida toda numa frase ou num pensamento. Contudo, “se a teoria pouco ajuda a compreender a vida”, então o conhecimento, todo ele, pouco importância terá para alguém que, de forma paradoxal, foi anotando o que pensava e quis dar-se a conhecer aos seus contemporâneos como um filósofo. Tais atitudes, assumidamente céticas, acabam assim por lançar a suspeita sobre a sinceridade de quem escreve ou se assumiu como pensador. Porque se “a teoria pouco ajuda a compreender a vida”, então de nada vale pensá-la e ainda menos escrevê-lo.

*14. Às vezes a tristeza é tão forte, tão intensa, que cega tudo à nossa volta. Limpa ou varre espaço e tempo. Sem dúvida que o facto de não se poder fugir de si mesmo é um dos traços fundamentais que nos define enquanto existentes.*

De novo a quantidade, a potência ou energia que invade a psique e tanto nos impulsiona a agir como a retrainos. Tudo se passa como se Herácontos fosse sensível aos aspetos quantitativos da mente, como se as ditas “qualidades” fossem apenas formas, mais ou menos inofensivas, mais ou menos agrupadas, para designar as “forças” que existem dentro de nós. A tristeza é então o nome que





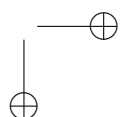
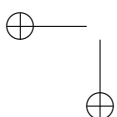
se dá para designar algo robusto e intenso com o poder de modificar a nossa perceção do mundo, em particular a perceção do que nos rodeia – e a verdade é que nos rodeia sempre qualquer coisa.

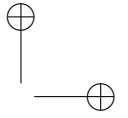
Deste modo, não é improvável que Herácontos pudesse falar da alegria em termos semelhantes: como uma força “que cega tudo à nossa volta”, embora se trate de uma “cegueira” vivida de outro modo, pois trata-se de uma energia que parece estimular a nossa relação com o mundo enquanto a outra nos empurra para o isolamento, para a diminuição do contacto com o mundo, precisamente.

Sabe-se que, muitos anos depois, houve filósofos que desenvolveram esta perspectiva. Falaram da alegria como um aumento de potência de agir e da tristeza como uma diminuição dessa potência. E acrescentaram que o humano é de tal forma que teima em perseverar num esforço, numa força constante, pois tal é a própria definição do desejo: uma espécie de vontade em ser-se e permanecer nesse ser-se.

Mas Herácontos diz mais: parece lastimar o facto de o ser humano não poder fugir dele próprio, quer dizer, não poder deixar de ser o vivente que é – o que agrava substancialmente a força da tristeza. Aquele que se entristece é o que sabe que não pode deixar de ser quem é – e sofre justamente por isso. Mas há mais. Se esse é um dos traços “fundamentais que nos define enquanto existentes”, fica a dúvida se é a tristeza ou o facto de não se poder fugir a si mesmo. Se é esta última (como tudo indica), vale a pena questionar se também a alegria, por exemplo, não será uma forma de não podermos fugir de nós próprios, apesar de, neste caso, não o lastimarmos.

Aliás, é provável que qualquer sentimento seja intenso justamente porque é nosso, quer dizer, porque nos aproxima de nós próprios e nos mostra essa dimensão enquanto existentes. Sem sentimentos não haveria possibilidade de sermos um sim mesmo. Mas sabemos bem que o narcisismo é o perigo que espreita qualquer sentimento de si. E para não sucumbirmos e nos atolarmos



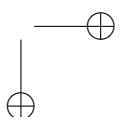
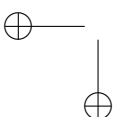


na depressão e no esgotamento, tantas e tantas vezes efeitos inevitáveis do narcisismo, teremos que arrancar esse sentimento de nós próprios de outras fontes. Noutros fragmentos Herácontos acabará por referi-lo.

*15. É provável que a grande maioria das pessoas fale para dizer coisas inúteis ou para dizer apenas aquilo que presume ser do interesse do interlocutor. Fala-se, assim, para nada. Tanto temos medo de nós próprios (das nossas fragilidades) como dos nossos interlocutores. E vendemos a alma a pretexto de uma concórdia entre nós e os outros, entre quem fala e quem ouve.*

Fortalece-se a convicção de que Herácontos se preocupa bastante com as questões éticas. Por várias vezes aborda temas que parecem nascer das suas inquietações quotidianas. No fragmento que transcrevemos refere-se a “probabilidade” de as pessoas não se entenderem e fingirem o contrário. Daí que não seja despropositado falar-se na incomunicabilidade que percorre a (aparente) comunicabilidade entre os humanos. Mas a necessidade de salvar as aparências; de haver entendimento (“concórdia” é uma palavra que nos parece excessiva), acaba por “salvar” aquilo que é, na verdade, frustrante. Ora, por que é que as pessoas não se entendem? Se dizemos coisas inúteis é porque a tagarelice, mais do que uma espécie de desperdício daquilo que poderia haver de interessante no ato comunicativo, é antes uma das suas características, e provavelmente a mais forte.

Tudo aponta que este fragmento nos mostre um filósofo com dificuldade em comunicar; em relacionar-se com os seus interlocutores a pretexto de dizer inutilidades ou de alcançar uma paz efémera. É provável que a única lição que se pode extrair deste fragmento é que Herácontos não sabia o que dizer aos seus interlocutores. O seu ensimesmamento, a sua vida retirada e longe da multidão, levou-o a fazer o elogio da solidão e a censurar toda a



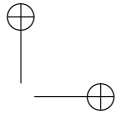
“tagarelice”. Desconfiamos que o próprio Petrarca, na sua *Vida Solitária*, recolheu alguns dos ensinamentos de Heráclito.

Não podemos, aliás, deixar de recordar Heraclito quando afirmava: “Para homens que têm almas bárbaras, olhos e ouvidos são más testemunhas”. Se os homens teimam em dar demasiada importância a si próprios é porque não sabem participar nessa lei universal que é comum a todos (o *logos*). Disse-o Heraclito, como se a tagarelice nada mais fosse do que a ausência e a incapacidade de escutar o *logos*.

*16. Usar uma máscara dá-nos segurança e conforto. O não ter que ter uma opinião; o rir ou sorrir quando é aconselhável fazê-lo; o responder o que é suposto responder. E continuarmos incógnitos. Desconhecidos dos outros é provável que também o sejamos para nós próprios. Mesmo que tenhamos a ilusão do contrário.*

Hesitámos bastante em transcrever este fragmento, mas não nos compete omitir o que resulta da nossa investigação, mesmo que discordemos ou consideremos pouco importante alguns dos fragmentos que encontramos. Chamfort escrevia: “Escolhemos as melhores cerejas ou ostras e acabamos por comê-las todas”.

Este é, aliás, um dos fragmentos que nos permite aproximar Heráclito de Heraclito, em particular a noção do “obscuridade” que define ambos e a ideia de que devemos conhecer o nosso *daí-mon*. É provável que se salve ainda, como digno da nossa atenção, esta retórica infinita sobre a relação entre conhecer e desconhecer-se a si próprio, retórica que abriu um filão na história da filosofia e que os filósofos gostam de repetir e repisar infatigavelmente. Não há filósofo que não oscile entre o dever de se conhecer, ou a convicção de que nos desconhecemos a nós próprios. Há intermináveis tergiversações à volta deste tema. Parece, aliás, que a filosofia não sabe fazer outra coisa do que repetir até à náusea a ideia de que



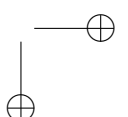
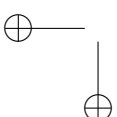
nos devemos conhecer a nós próprios. O que lhes falta é o mais importante: Porquê? Porque deve cada indivíduo conhecer-se a si próprio? E o que significa este “conhecer” e este “si mesmo” no conhecer-se a si mesmo?

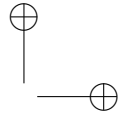
*17. Às vezes temos que fingir que sentimos o que sentimos verdadeiramente. Esforçamo-nos por mostrar o que se sente, ou para persuadir os outros ou para que nós próprios possamos conhecer ou sentir de outro modo o que se conhece ou sente.*

Contrariamente ao que dissemos no comentário ao fragmento anterior é notório o interesse e a importância do que acabámos de reproduzir. Se para alguns não há qualquer diferença entre eles, para nós é pertinente a ideia de ter que se “fingir o que se sente verdadeiramente”. Mesmo paradoxal, nem por isso deixa de estimular e enriquecer as nossas ideias. Com efeito, pode-se fingir o que se sente ao quisermos convencer os outros desse mesmo sentir. A ironia é que essa vontade de persuadir os outros e a coreografia concomitante acaba por revelar que estávamos, afinal, a enganar-nos a nós próprios quando demos a entender que nada disso era importante. Quer dizer, a força da nossa persuasão pode revelar quem é o sujeito que assim finge, ou pensa fingir. Numa palavra: a forma como minto mostra a minha verdade.

*18. A virtude só pode ser uma dádiva. E N. serve-se das metáforas da luz, do ouro, do sol, para argumentar que só dando se pode ser virtuoso. Daí o egoísmo saudável daquele que tudo acumula para tudo dar.*

O virtuoso é aquele que sabe dar. Um pouco como dizer que o sábio é aquele que sabe escutar. Tendo ou não Heraclito sido filho de Herácontos, o certo é que o autor de *Acerca da natureza* insistiu na sabedoria como uma escuta. Dizia que se os homens





são desconhedores do *logos* tornam-se ignorantes, tagarelas, pois só aquele que sabe escutar o *logos*, essa lei universal, é capaz de silenciar o seu eu e escutar o que sempre foi, é e será: o *logos*, precisamente. Assim, aquele que não sabe escutar não sabe falar. E até o ser capaz de ouvir a sua voz interior – o seu *daímon* – é prova de sabedoria.

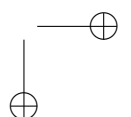
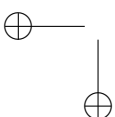
Se as ideias transatas pertencem a Heraclito, Heráclitos insiste numa ética da virtude, quer dizer, nessa capacidade de acumular para poder dar. Mais do que qualquer outro aspeto, é este o fundamental para compreender a virtude. E nada há nela que contradiga aquilo que a própria natureza faz: a dádiva da luz, do sol, até da riqueza, mostra uma natureza pródiga que o homem deve imitar.

O que fica por saber é se é necessário ter consciência de que se é virtuoso para sê-lo de facto, ou seja, se podemos e devemos ser virtuosos como se não dessemos por isso, como se inventássemos a virtude. Para muitos só esta pode ser a verdadeira virtude, aquela que nada sabe de si e nem sequer é capaz de se nomear. Assim, só o outro pode designar o meu ato como virtuoso, justamente porque o desconheço enquanto tal, pois a pureza da virtude assim o exige.

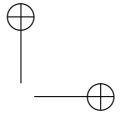
A não ser que seja um absurdo pensar-se que só se é virtuoso se o não soubermos. Afinal, porque é que sabendo o que é a virtude tal a pode perturbar? Não é verdade que ao sabermos o que é o bem tal permite-nos realizá-lo? Que decidir? Como optar entre a pretensa pureza da virtude e a consciência que a nomeia e reconhece?

*19. É inconfundível o olhar de uma pessoa que ama.  
É o corpo todo que se dá; que se oferece ao amado.  
Entendamo-nos: o corpo todo não tem, aqui, nada a ver com o sexo. É o corpo todo que se anima e se dá no olhar e a olhar (uma vez mais essa dádiva é a própria virtude).*

Só o tempo nos poderá dizer o que é o amor. Mas como o tempo é elástico, silencioso em relação ao seu término, a resposta







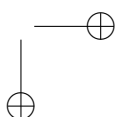
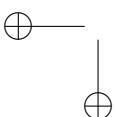
será sempre provisória, ou antes, tornar-se-á definitiva quando o tempo de cada um findar de vez. Tudo o que tem a ver com o amor é então decidido pelo tempo, o que tanto pode fortalecer o que se sente como afrouxá-lo e rompê-lo de vez. Sem o tempo não é possível ajuizar o que quer que seja acerca do amor, embora se possa vislumbrar ou ter uma espécie de premonição do que poderá vir a ser (mas até isso é falível, pois, se o não fosse, nem sequer teria sentido a noção de premonição).

A ironia é que há sempre um tempo por vir que se revela e nos obriga a repensar o que se sentiu. Por exemplo, aquilo que, devido à morte do ser amado, pode obrigar-nos a refletir sobre tudo o que se sentiu anteriormente a essa morte. O certo é que o tempo nos pode surpreender, ora mostrando-nos aquilo que pensávamos ser impossível ora solidificando e reconfortando-nos sobre o que sempre acreditámos.

Ao falar-nos no olhar daquele que ama, Herácontos considera que é um olhar inconfundível na medida em que mostra esse mesmo amor. Poderíamos dizer que “entra pelos olhos adentro” aquilo que o outro sente quando olha quem ama. No entanto, Herácontos parece esquecer que até no mais profundo dos amores o olhar pode esmorecer. Anos e anos a amar e esquecemo-nos como olhamos o outro e como ele nos olha. E, no entanto, continuamos a amá-lo. O que falta ao fragmento de Herácontos é, justamente, a dimensão do tempo, quer dizer, a maneira como ele nos deixa amar sem quer tal “entre pelos olhos adentro”.

*20. Quando é que começamos a “azedar”, a “ressentir-nos”? Isso passa-se na noite do tempo (metáfora que tem o seu sabor, embora incerto. Pois, quem diz que o tempo tem uma noite? E, se a tem, qual é a sua duração? A verdade é que é consolador pensar que o tempo tem a sua própria escuridão).*

*21. Quando é que começamos a “azedar”? Quando é que começamos a ver uma coisa, pessoa, ou atitude*

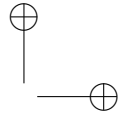


*com outro ou outros aspetos? É conveniente reter: vê-se sempre qualquer coisa como qualquer coisa; uma pessoa desta ou daquela maneira. De repente alguma coisa (aspeto) muda. O que se passou? Quando é que começamos a “azedar”? Ou a amar, por exemplo?*

É proveitoso lembrar algumas máximas de Chamfort. Por exemplo: “O homem, no estado atual da sociedade, parece-me mais corrompido pela razão do que pelas paixões. As suas paixões (entendo por isso aquelas que pertencem ao homem primitivo) conservam, na ordem social, o pouco de natureza que aí reencontramos”.

Começamos a “azedar” porque somos seres apaixonados, ou seja, seres de paixões. Mas enquanto Chamfort, o moralista francês, autor de *Máximas e sentenças*, opõe razão e paixão, no fragmento de Herácontos que reproduzimos este parece estar atento ao momento em que essa mesma paixão se revela. Inesperada e incompreensível; forjada na “noite dos tempos” ou súbito aparecimento da qual tomamos consciência aquando da mudança de aspeto (de uma coisa, pessoa, atitude, etc.). O ceticismo de Herácontos mostra-se uma vez mais na ideia de que mudamos de perspetiva sem sabermos ao certo porquê, ou antes, temos perspetivas sobre o mundo, mas o complicado é a forma como se alteram (de forma rápida ou lenta, inesperada ou amadurecida e consciente, etc.). Ora, para além do seu ceticismo, o que estes fragmentos indicam é a tendência para assinalar estados afetivos como o ressentimento, o desconforto, a irritação, referindo raramente a alegria ou o amor, a satisfação ou a leveza. O que temos de compreender é porque é assim e não de outro modo.

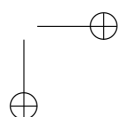
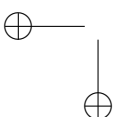
*22. Quem sou eu quando escrevo estas notas? Eis o mistério. Mas mistério para quem? A quem interessa que alguém seja misterioso? A ninguém a não ser ao vaidoso ou a alguém que até possa ter uma vontade sincera em conhecer-se.*

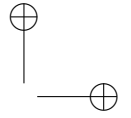


Chamfort diz algures que a vaidade é o que resta àquele que nada mais possui. É, assim, o seu último reduto. Mas a verdade é que há dois tipos de mistério para Herácontos. Aquele que se alcança com a própria escrita, quer dizer, não só quem escreve mas aquilo que se revela ao escrever (-se). E há também o mistério de alguém que – sem ser devido à preocupação fútil com ele mesmo – deseja desvendar-se e acaba, ao fazê-lo, por adensar a incerteza sobre quem é. E a razão para isso é um fragmento que diz: *“Há coisas que se passam em nós e são incompreensíveis. Provavelmente, quase tudo o que se passa em nós é incompreensível. E não sabemos porque é assim e não de outro modo. Verdadeiramente, nem esta distinção tem sentido”*.

Parece então que aquilo que é incompreensível é o não se saber porque é que as coisas se passam em nós tal como ocorrem. Mas que “coisas”? Pensamentos, sensações, enfim, os múltiplos estados que definem a nossa identidade pessoal. Herácontos considera que não sabemos porque é assim e não de outro modo. Ora, para mostrar a verdadeira complexidade do tema, teríamos que dizer que se conhecêssemos o “de outro modo” nem por isso poderíamos assegurar que nos conhecíamos melhor. Há, na verdade, sempre um “de outro modo” que se poderia tomar em consideração. Talvez seja por isso que Herácontos é levado a reconhecer que “nem esta distinção tem sentido”. Com efeito, o que não tem sentido é poder pensar que aquilo que somos, a forma como nos julgamos conhecer e aceder a nós próprios poderia ser “de outro modo”. Não há maneira de pensar esse outro modo, o que complica realmente a tarefa do autoconhecimento. Aliás, quando somos levar a pensar e a escrever sobre a nossa incompreensibilidade, é porque há uma espécie de insatisfação, um desencanto qualquer que parece inevitável na natureza humana.

Atente-te, a respeito da perspetiva que analisamos, o fragmento seguinte: *“É evidente que não compreendemos nada daquilo que os outros são, quer dizer, da forma como pensam e sentem. Mas*

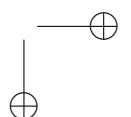
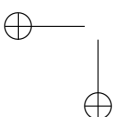


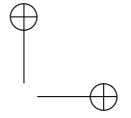


*se temos a impressão contrária é porque ela deve ter algum fundamento. Observo as pessoas do local onde me encontro e compreendo perfeitamente o que fazem, dizem e agem. Ora, não seria precipitado considerar que há contradição entre o não saber como os outros pensam e sentem e o compreender o que fazem, dizem e agem?”*

*23. O que importa é salientar que qualquer coisa aparece – e fá-lo de forma dolorosa. Mas não se trata de uma pessoa, afeto, atitude, sem mais. O interessante é esse aparecer ser doloroso. A expressão: “Tenho um peso na cabeça”, prima pela sua exatidão. Ela traduz, de forma apropriada, a densidade/resistência própria dos estados/ sensações dolorosos.*

No seguimento dos fragmentos anteriores, Herácontos dá uma importância específica ao que “aparece”, quer dizer, a tudo o que se “mostra” ao próprio sujeito e do qual tem consciência. Esse mostrar-se – de pensamentos, afetos, etc. – não é algo que está “dentro” da consciência, é antes a própria consciência que incessantemente se vai manifestando. A vida toda resume-se a este revelar-se, e a verdade é que o sujeito não tem a mínima noção do que isso significa. De forma insistente Herácontos dá a entender que se trata de uma força ou energia; de uma quantidade de afetos ou ideias, mas jamais consegue dar um sentido a esse aparecer, ou antes, o sentido é apenas esse ocorrer enquanto tal. Tudo indica, portanto, que Herácontos tinha alguma familiaridade com certos estados mentais, como se estivesse atento àquilo que ia aparecendo e o definisse enquanto sujeito. Mas parece ainda que pouco mais lhe restava da vida a não ser essa consciência aguda desses estados que se sucediam vertiginosamente. O “tenho um peso na cabeça” era a força com que tais estados se impunham e apresentavam, a ponto de fazer dele um sujeito que o era por estar presente a si próprio. Apesar de tudo isto ser fortemente especulativo, a nossa



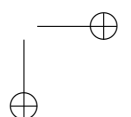
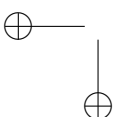


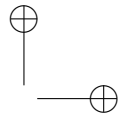
convicção é de que é este o caminho correto para compreender o Herácontos. Esperamos que possam aparecer outros filósofos e historiadores com habilidade para aperfeiçoar a exegese.

*24. Mas se há coisas que parecem ser compreensíveis é porque conseguimos formar um puzzle, ou seja, dar um sentido. O problema é quando aparecem ideias, afetos, recordações, fantasias desgarradas. Não sabemos qual é a sua lógica – são peças soltas., E é por isso que nos perturbam, embora seja o mais interessante da existência humana.*

Já tínhamos compreendido que era, para Herácontos, o mais interessante da existência humana. A forma como insiste nesta temática nos fragmentos que recolhemos é bastante elucidativa. Assim, é a falta de lógica no jogo de afetos e pensamentos, que se vão sucedendo do nascer ao morrer, que entusiasma Herácontos. Resta saber se conseguimos dar um sentido ou se o construímos ou inventámos. Mas o problema é que este fragmento aponta para duas hipóteses divergentes: ora conseguimos dar um sentido (formar um puzzle) ora não conseguimos devido às “peças soltas”. Esta última é, de acordo com Herácontos, o mais interessante, Se era impossível viver apenas com “peças soltas” era medonha a nossa vida sem elas.

*25. Uma das coisas que podemos fazer é “apanhar-mo-nos”. Em qualquer momento podemos surpreender o que pensamos e sentimos; surpreender bons e maus pensamentos, bons e maus sentimentos. Apercebemo-nos então que somos capazes de quase tudo e, com coragem, escavamos até encontrar rocha firme. Quem se “apanha” ou não desdenha fazê-lo está a ser profilático, ou seja, assume que deve tomar precauções para evitar contágios ou males maiores. “Apa-*



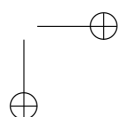
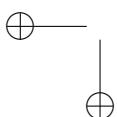


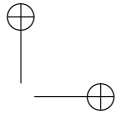
*nhar-se” é então um ato de coragem. É compreender que há situações em que vale tudo.*

*26. Se ocupamos a cabeça com aquilo que o não merece e conseguirmos deter-nos nessas futilidades, aprendemos algumas lições sobre o modo como ela funciona. A verdade é que nos irritamos por termos de admitir certas evidências acerca de nós próprios.*

Não o merece? Como? A forma como se expressa Herácontos pode suscitar mal-entendidos, e estamos convictos de que não se trata de um equívoco da nossa tradução. Percebe-se que há futilidades que aparecem vezes sem conta e se solidificam em ideias – precisamente aquilo com o qual não perdemos tempo, como se a nossa mente desdenhasse tais ninharias. O que Herácontos nos diz é precisamente o contrário: de que não há sabedoria, conhecimento, se não prestarmos atenção às coisas mínimas, disparatadas e fúteis que vamos pensando e vivendo. Vale a pena citar um dos aforismos de Lichtenberg a este respeito: “As maiores coisas no mundo são conseguidas por outros meios, aos quais não damos atenção. Pequenas causas que não notamos e que por fim se acumulam”. Exato: pequenas causas que se vão acumulando; grandes coisas que nascem daquilo a que não se presta atenção.

Mas Herácontos acrescenta um ponto essencial: se não conseguimos deter-nos nisso que ocupa a nossa cabeça é porque tal nos irrita. O facto de não conseguirmos pensar porque há coisas que nos perturbam, ou seja, nos abalam, mostra bem que é precisamente isso que merece ser pensado, pois se há irritação é porque há alguma coisa que vale a nossa atenção. Se são meras futilidades – dessas que não nos irritam – então é provável que não tenham o mesmo interesse que as outras. Contudo, aquele que quer conhecer-se a si próprio não pode dispensar futilidades e irritações – são elas que ajudam a compreender quem somos autenticamente.



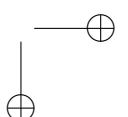
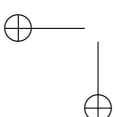


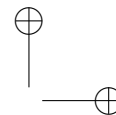
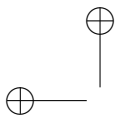
*27. O mistério não está em termos ideias, pensamentos, conceitos, enfim, tudo aquilo que vai passando pelas nossas cabeças. O mistério é o ritmo, o peso, a força, a ressonância de certas ideias ou pensamentos. O que faz com que algumas delas tenham ressonâncias e ritmos inesperados – eis o mistério.*

Nem sempre o que vai passando pelas nossas cabeças é digno de ser pensado. Mas o que não sabemos ainda é o que significa pensar; não sabemos ao certo o que se entende por pensar e a partir de que pensado pensa o nosso pensamento. Parece que não sabemos o que retemos ou usamos cada vez que pensamos e sobre o que necessitamos para que o ainda não pensado possa sê-lo. Sei que li algures sobre estas questões – e tal ocorreu-me depois de ter traduzido o fragmento de Herácontos transcrito.

A verdade é que as nossas ideias têm peso ou ritmo; têm que se repercutir e transmitir numa espécie de ondas. O afortunado que consegue compreender o ritmo (do corpo e da mente), mesmo sem esmiuçá-lo, vê mais longe do que os outros. Daí que o mistério seja precisamente aquele que Herácontos assinala: porque há pensamentos que se repercutem? Porque há outros que criam ritmos e são eles próprios produtores de ritmos? Tudo isto pressupõe o mais evidente: que vivemos com os outros e são eles, com as suas ações e pensamentos, que criam ritmos em nós e nós neles. É por isso que precisamos do mundo para recebermos o seu impacto e para nós próprios devolvermos ao mundo a forma como o pensamos e sentimos. Uma vez mais: questões de ritmos e de ressonâncias.

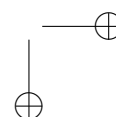
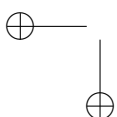
*28. Aquele que ensina sabe que há coisas que não têm sentido. Mesmo assim di-las aos seus alunos. Ou porque menospreza o seu poder de compreensão, ou porque acredita que ajuda o aluno a compreender melhor, ou então, porque admite que não é possível ensinar se não se misturar o sentido com o sem sentido.*



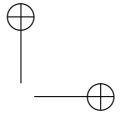


Este é o único fragmento que encontramos no qual Herácontos fala do ensino. Seria estranho, aparentemente, ter alguma familiaridade com o ensino e nunca o ter referido, ou então, precisamente por ser essa a sua arte não fosse de todo improvável que optasse por silenciá-la. No entanto, parece-nos um erro pensar que aquele que se ocupa anos a fio com uma tarefa determinada saiba mais do que aqueles que não estão nessa situação. Acontece que o estar ocupado com certas tarefas cega-nos e impede-nos de saber exatamente o que fazemos, não por falta de conhecimentos e de experiências, mas justamente devido ao número elevado de ambos. Por conseguinte, não nos repugna admitir que um médico ou um professor, um artesão ou um político, tenham dificuldade em descrever com exatidão as suas ocupações ou profissões, como se o mais importante fosse exercê-las sem que fosse fundamental distanciar-se delas a ponto de as definir.

Seja como for, Herácontos aborda o ensino justamente por aquilo que parece ser o mais improvável e paradoxal: o facto de se ensinar coisas que não têm sentido. A verdade é que não sabemos quem estabelece tal critério. Não sabemos se é aquele que ensina; se há critérios objetivos que asseguram que há coisas sem sentido ou se é o próprio aluno que o diz ou sente. Para Herácontos, aquele que ensina tem, em determinadas ocasiões, consciência de se tratar de algo destituído de sentido, ou porque não está suficientemente provado, ou porque é realmente confuso sem dar a entender que o é, ou por qualquer outro motivo. Ele sabe que as suas palavras não são de confiança, nem tão pouco poderia prová-las se eventualmente fosse posto à prova. Parece, assim, haver uma certeza: a de que se ensina “misturando o sentido com o sem sentido”, como escreve o nosso filósofo. É óbvio que não se trata de uma má-preparação do educador ou até de um disfarce para todos aqueles que se consideram, ou são considerados, pouco preparados para a sua tarefa. O que se passa, de acordo com a nossa interpretação, é que não há conhecimento sem uma zona de penumbra, sem um





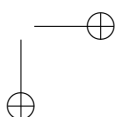
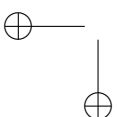


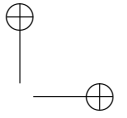
sombreado que acaba por permitir que a luz do conhecimento se revele como tal. Uma vela acesa em pleno dia pode passar despercebida, mas à noite tem o seu momento de esplendor.

*29. Quando ficamos preocupados não conseguimos deixar de pensar no que despoletou a preocupação. E se queremos desviar a atenção continuamos a ser atraídos pelo que nos preocupa. Às vezes pensamos que a afastámos mas, na verdade, só a ocultámos. Ela acabará por reaparecer – e pode fazê-lo em situações e momentos distintos. É por isso que a mente é como um palco onde se confrontam forças distintas. Ora, uma força só se vence com outra força; uma preocupação com algo que a suplante. O interessante é que não se aprende a nadar quando se está prestes a morrer afogado.*

Numa futura reorganização dos fragmentos de Herácontos, quando se estabelecer, depois de uma investigação aturada, a sua origem e datação, teremos de confirmar aquele que, com uma boa dose de probabilidade, parece ser um dos seus últimos fragmentos. Que tenha morrido subitamente ou que tenham desaparecido fragmentos e aforismos redigidos posteriormente, leva-nos a concluir que “o não se aprende a nadar quando se estás prestes a morrer afogado” sejam, provavelmente, palavras finais.

O certo é que os documentos ensinam-nos a ser prudentes. Até prudentes em relação à sua vida, pois suspeita-se que tenha morrido afogado, o que não deixa de ser enigmático se tomarmos em consideração as palavras que acabámos de reproduzir. Teria Herácontos tido um pressentimento da sua morte? Assim, para além de não saber realmente nadar, haveria também uma outra mensagem: a de que é importante preparar-nos para a vida se não queremos sucumbir. Uma vez mais, haveria um sentido literal e um sentido metafórico no fragmento transcrito. E Herácontos, um pensador





tido como pai de um filósofo obscuro e melancólico, teria aconselhado às gerações posteriores que, mesmo que a interpretação não seja uma tarefa infinita, é pelo menos suficientemente misteriosa para encantar e animar a vida de cada um de nós.

